

**O percurso poético de Heleno Oliveira
em
Oropa França e Bahia**

Patrícia de Paula Aniceto¹

RESUMO: Este artigo busca fazer uma leitura dos poemas do poeta Heleno Oliveira, na obra **Oropa França e Bahia**. Propõe-se evidenciar as manifestações sobre o espaço, em sua poética. Desta forma, procura caracterizar o eu-poético a partir da vivência planetária, nos vários espaços do mundo percorridos pelo autor e, em especial, se dá destaque ao espaço urbano.

Palavras-chave: Heleno Oliveira; Espaço; Cosmopolitismo

Ao percebermos uma relação entre vida e obra do poeta Heleno Oliveira, pudemos constatar que ele, entre outros procedimentos, transforma em poemas as constantes viagens que faz. A partir disso, percebemos que o tempo e o espaço estão intimamente relacionados na obra desse autor afro-brasileiro.

As constantes viagens do poeta pelo mundo lhe possibilitaram uma poética em que se privilegiam vários espaços, costumes, culturas e problemas socioeconômicos. Pois os espaços visitados e elaborados por ele participam dos seus poemas não apenas como um cenário, porém, mais do que isso, o espaço tem seu lugar privilegiado nos poemas de Affonso Romano de Sant'Anna. O espaço, ao mesmo tempo que funciona como um elemento propulsor de idéias, caracteriza-se como um ambiente que possibilita diversificados estados do eu poético, pois funciona como agente de transformação e de produção artística. Diante dessa ação do espaço, podemos perceber outro elemento que se destaca em suas obras: o tempo, que aparece tão fortemente quanto o espaço.

Empenhado em apresentar os vestígios de seu tempo, o eu-poético nos mostra as marcas temporais de sua época. Algumas décadas serão rememoradas pelo eu-poético e irão representar o modelo de vida e a ideologia de sua geração. Desta forma, aqui propomos uma possível leitura da obra **Oropa França e Bahia**.

Nesta tentativa de analisar a obra de Heleno, não pretendemos esgotar todas as possibilidades de leitura, pois como toda obra artística, ela é aberta a várias interpretações.

¹ É mestra em Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior. Em 2008, fez disciplina isolada em "Literatura, alteridade e diáspora", ministrada pelo Prof Dr. Edimilson de Almeida Pereira, no doutorado de Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. Possui contos, crônicas e poemas premiados em concursos literários e publicados em diversas antologias.

“Oropa, França e Bahia” é uma expressão recorrente na literatura que nos possibilitaria inúmeras leituras e estudos acerca deste título. Encontramos esta expressão num título do poema de Poema de Ascenso Ferreira (1895-1965). Ou então, em Mário de Andrade, na obra **Macunaíma** para expressar o mundo inteiro. Ou simplesmente no samba-enredo, em 1970, da escola de samba Imperatriz Leopoldinense. Mais tarde o cantor Alceu Valença musicou o poema Oropa França e Bahia, de Ascenso Ferreira. Temos também que considerar esta expressão em um dos títulos dos poemas de Drummond. E mais tarde, na obra poética de Heleno Oliveira. Na verdade, aqui, esse título traduz o caráter passageiro da experiência urbana.

Falar desta obra de Heleno de Oliveira é como percorrer uma travessia misteriosa onde às vezes nos perdemos no silêncio das palavras ou nos enigmas que surgem diante da obra. Ler Heleno de Oliveira é atravessar fronteiras e abrir portas, quando se refere, possivelmente à mãe África como ele mesmo diz em seu poema: “Só tu poderias ser porta e me deixar passar” (2004, p. 126). Na obra **Dicionário de símbolos**, ao falar sobre a porta, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant dizem o seguinte:

A porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre sobre um mistério. Mas ela tem um valor dinâmico, psicológico; pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la. É o convite à viagem rumo a um além... (2001, p. 734-735)

O eu-poético de Heleno foge dos temas tradicionais da poesia brasileira. É por isso que tantas vezes o encontramos, mesmo que solitário, em busca de um espaço diferente daquele que habita em determinado tempo. Ao falar sobre esta ruptura que há também em alguns outros escritores brasileiros, Antonio Candido declara:

A semana de Arte Moderna (São Paulo) foi realmente o catalisador da nova literatura, coordenando, graças ao seu dinamismo e à ousadia de alguns protagonistas, as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música, nas artes plásticas (2000, p. 108).

Podemos observar nos poemas de Heleno a inquietude e o desejo de reproduzir o espaço de seu tempo:

O traço fundamental do homem urbano se define em termos de um eu fragmentado. No curso de sua vida, ele se torna uma espécie de estrangeiro, que não se adapta à moldura familiar de identidade, à aparente fixidez social, mas passa necessariamente por uma experiência não linear, não seqüencial (GOMES, R., 1994, p. 29).

Essa postura do eu-poético, essa preocupação com o transitório, com o provisório e com o lugar não fixo nos remete a Baudelaire:

Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente (BAUDELAIRE, 1996, p. 20).

Em consequência da caracterização desse sujeito podemos definir o eu-poético, do poema de Heleno, como sendo um cosmopolita no espaço e no tempo em que habita. Pois ele conserva em si a idéia de que sua pátria é o Universo e o seu tempo é a Modernidade. Segundo Baudelaire, “a Modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável” (1996, p. 25). Schwartz ao falar sobre o cosmopolitismo explica que : “O termo ‘cosmopolita’ começa a ser usado no século XVI, já com um sentido de cidadania universal, e com ênfase em relação ao estrangeiro. Aparece pela primeira vez em 1560, usado ironicamente por um francês para autodeterminar-se” (1983, p. 5).

A nosso ver, este termo cabe para uma tentativa de classificar o poeta Heleno de Oliveira:

Superados os preconceitos que o termo “cosmopolita” possa provocar, o século XIX chega à acepção mais corrente até hoje, que vê o cosmopolita como o cidadão capaz de adotar qualquer pátria. Mais ainda: o homem cosmopolita é aquele que, em consequência da multinacionalidade, é capaz de falar várias línguas e transportar-se de um país para outro sem maiores dificuldades. Isso não impede, no entanto, que autores de grande cultura universal, e verdadeiros cosmopolitas do ponto de vista de sua produção textual, nunca tenham saído de seus lugares (SCHWARTZ, 1983, p. 6).

Todavia, constatamos em Heleno de Oliveira que: “O espaço como constituição não é um espaço dado, não é um espaço que se mostra, mas um espaço que só pode se dar se se persegue e se conquista” (GOMES, M., p. 44). Isto é, nesse poeta, o espaço quase se torna personagem.

O artista citadino “é um *eu* insaciável do *não-eu*, que a cada instante o revela e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugidia” (BAUDELAIRE, 1996, p. 20-21). Preocupa-se intimamente em revelar seu mundo exterior para concomitantemente a estas revelações mostrar mais adiante o espaço de seu mundo interior.

Denominamos a produção poética de Heleno de Oliveira de poemas planetários, devido à movimentação do poeta no espaço. Sobre o termo planetarismo, Maria Alice Pestana de A. Remy observa em seu artigo intitulado “Agilidade de informação e as relações com o tempo e espaço”:

Mas o início de um tempo planetário ou “globalizado”, para usar a expressão mais utilizada freqüentemente, não se inicia no século XX com o advento das redes de comunicação mas na época destas grandes expedições quando Colombo, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães atravessam imensos oceanos, e descobrem o limite do reino humano ou o nosso espaço, a Terra (acesso em 16 /06/2005)

Seu hábito de ver e de conhecer vários lugares ultrapassa a definição de um flâneur. Pois o eu não tem apenas o interesse de ver, mas de presenciar os momentos, de vivê-los, de questioná-los, como participante e não como simples observador.

Em sua obra, o cenário brasileiro está sempre presente. No entanto, aos poucos, cede lugar ao espaço do planeta. Ora, essa mudança não é proposital, pois o poeta se mostra envolvido com o espaço planetário. É como se houvesse uma necessidade de ele transmitir o que seus olhos vêem no mundo. Outras vezes ele mostra a experiência que vive na mudança de ambiente. Com isso, freqüentemente vai haver a substituição de um país em evidência por um outro que se encontre próximo ao tema retratado.

As caracterizações do eu-poético como ubíquo, cosmopolita e planetário conferem a ele o estado de um eu transitório. Entre essas denominações e os poemas, erguem-se alguns termos que vão indiciar estas características do cosmopolita, confirmando a idéia de deslocamento do eu-poético nos poemas e sua inserção como cidadão do mundo.

Esclarecendo as afirmações anteriores acerca da crítica em torno da obra de Heleno, percebemos que o eu-poético torna evidente a idéia de transitoriedade, ou seja, de estar em trânsito nos diversos espaços do planeta, a fim de transformar o espaço presente sempre em outro espaço para habitá-lo.

A transitoriedade em seus poemas não aparece como uma forma única e inacabada. Pois ela está presente, nos poemas, em situações sutis que funcionam como índices capazes de serem revelados quando se considera esta possibilidade de interpretação.

Incorporar vocábulos estrangeiros em seus versos, apreciar uma obra de arte, conhecer um pouco sobre diferentes espaços conferem ao cosmopolita o título de cidadão de cada uma dessas pátrias.

Sendo um eu-poético planetário, verificamos que ele não apenas transita pelo mundo a fim de vê-lo com o olhar comprometido com a história que presencia. Seguindo um caminho

ficcional vem alcançar o épico, o olhar crítico do poeta abre o questionamento acerca daquilo que vê. Com isso, através de sua cultura, atravessa toda sua obra que se resume ao mundo real. Caracteriza o eu-poético a agudeza de seu olhar sobre o tempo. Sendo um cosmopolita, o eu-poético vai além de ser um simples cidadão do mundo. Pois se envolve com as questões do mundo como se pertencessem a sua própria pátria. Não possui a postura de um turista que traz uma máquina fotográfica nas mãos a fim de fotografar os pontos mais belos. Pelo contrário, adquirindo uma postura de cronista, ele flagra os momentos de relevância histórica nos continentes sem demonstrar dificuldades de locomover-se no espaço e no tempo.

Então, o cosmopolita fez das suas viagens poesia? Fez da sua vida os seus versos? Como definir a sua pátria perfeita e o seu espaço predileto?

Aqui, o eu-poético não se apresenta destituído da interioridade. Ele apresenta uma visão bastante subjetiva dos fatos.

Podemos concluir que o eu-poético não é um ser que apenas busca o encontro de outras paragens com um objetivo, mas com vários. Porque toda pátria é sua casa. E em cada parte do mundo há uma história. E ele está atento às transformações, aos hábitos, às genialidades dos povos e às conquistas de cada território. Com isso, capta através de seu olhar os aspectos que sobressaem aos seus sentimentos diante daquilo que vê em sua pátria circunstancial. Estar em toda parte requer a percepção de todo espaço que, às vezes, vão além da Oropa, França e Bahia.

Referências bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 16. edição. Rio de Janeiro: José Olympio. 2001.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GOMES, Márcio dos Santos. Re-buscando o in-finito: uma análise de lições de espaço de Roberto Pontes. **Revista de Letras**, UFC, v. 16, nº 112. p. 42-46, jan/dez 1994.

OLIVEIRA, Heleno. **Oropa França e Bahia**. Trad. Nícia Nogara. Firenze: Edizioni della Meridiana, 2004.

REMY, Maria Alice Pestana de A. Agilidade de informação e as relações com o tempo e espaço. Disponível em: www.revista.unicamp.br (acesso em 13/08/2005).

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguarda e cosmopolitismo na década de 20**. São Paulo: Perspectiva, 1983.